

Esquerda do PMDB tenta se unir

Mas ainda há divergências entre os históricos e neo-autênticos

REJANE DE OLIVEIRA
Da Editora de Política

Há uma velha crença na política brasileira segundo a qual a esquerda é sempre derrotada porque nunca se une. Para desmentir esta afirmação, os líderes dos movimentos histórico e neo-autêntico, ambos da ala progressista do PMDB, reuniram-se ontem à noite para tentar acertar os pontos. O primeiro grupo quer desertar imediatamente do PMDB e fundar uma nova legenda. O segundo ainda acredita na possibilidade de "recuperação" do partido e pretende bater chapa com os conservadores na convenção nacional de agosto.

O senador Mário Covas, líder da dissidência peemedebista, é quem está tentando unir os dois movimentos. Na noite da última quarta-feira, ele dividiu o seu tempo entre o encontro dos históricos, que reuniu 42 parlamentares no Hotel Nacional, e o jantar promovido pelos neo-autênticos no apartamento do deputado Hélio Duque, com 55 constituintes presentes. Nos dois lugares, o senador paulista fez discursos emocionados em defesa do ideário político do PMDB, revelando profunda mágoa pelo fato de o partido ter caído nas mãos dos conservadores.

INTERPRETAÇÕES

A fala de Covas teve interpretações diversas nos dois grupos da esquerda peemedebista. O deputado Hélio Duque, um dos líderes neo-autênticos, está convencido de que o senador ficou muito sensibilizado pela ideia de disputar o controle do partido com a direita. Já o histórico Pimenta da Veiga afirma que não houve nada disso: "Nós é que vamos convencê-los da inutilidade da disputa", assegurou.

A inutilidade a que Pimenta se refere é o controle da maioria das convenções pela ala conservadora. Segundo o deputado Euclides Scalco, vice-líder de Mário Covas na Constituinte e ex-secretário do PMDB, a relação de forças é na base de 600 contra 300, a favor da direita. Nas contas de Expedito Machado, do conservador Centro Democrático, a proporção é ainda maior: "Temos mais de 70% dos delegados à convenção", garantiu o parlamentar cearense.

Na opinião do senador Fernando Henrique Cardoso, os chamados neo-autênticos são "muito ingênuos" se acreditam que têm alguma chance de ganhar o controle do diretório do PMDB. O senador Márcio Lacerda contesta esta afirmação, lembrando que na pior das votações da Constituinte (a da reforma agrária), 168 peemedebistas votaram segundo as teses do programa partidário e apenas 90 pronunciaram-se em sentido contrário.

"Trata-se de uma maioria inegável e que ainda pretendemos ampliar, através de um trabalho de mobilização junto às bases", acredita o parlamentar.

IDENTICOS

Para Lacerda, os dois grupos são idênticos do ponto de vista ideológico e o que os separa é apenas uma questão tática. Fernando Henrique concorda com esta avaliação e acha até que não haveria dificuldade em aguardar a convenção do PMDB para que, derrotados, históricos e neo-autênticos saíssem juntos do partido. O problema, lembrou o senador, é a pressão do tempo: "Se a convenção não tivesse sido adiada, até que poderíamos esperar. Como ficou para agosto, não dá mais, já que o último prazo para o novo partido vence no dia 10 de julho — data máxima para filiação dos candidatos ao próximo pleito".

De qualquer forma, acredita Cardoso que o bloco liderado por Hélio Duque terminará aderindo à nova legenda, seja agora seja após a convenção peemedebista. Se esta previsão se confirmar, o partido da dissidência poderá ser quase do tamanho do PMDB. Pelas contas do deputado Pimenta da Veiga, os históricos são cerca de 50. Os neo-autênticos, segundo Márcio Lacerda, passam dos 70.

NOVO PARTIDO

Enquanto os líderes dos dois grupos tentam se entender, o processo de criação da nova legenda avança rapidamente. No encontro realizado quarta-feira, no Hotel Nacional, os 42 constituintes presentes foram distribuídos por cinco comissões diferentes: a que vai elaborar o programa e o manifesto da legenda; a de estatuto; a de ação política; a de finanças; e a de marketing e lançamento.

Dentro de dez dias, serão divulgados os documentos básicos da agremiação. Nos dias 24 e 25, os integrantes do movimento reúnem-se no primeiro congresso nacional do novo partido, a realizar-se aqui em Brasília. No dia 27, segue finalmente para a Justiça Eleitoral o pedido de registro provisório da legenda.

Antes disso, na próxima sexta-feira, os históricos têm reunião de trabalho destinada à escolha da sigla partidária. O número de sugestões subiu para sete: Partido Popular Progressista (PPP), Partido Democrático Popular (PDP), Partido Social Democrático Brasileiro (PSDB), Partido de Mobilização Democrática (PMD), Novo Partido Democrático (NPD), Partido Popular Democrático (PPD) e Partido Democrático Progressista (PDP).

EUGÊNIO NOVAES



Carneiro (histórico), Artur da Távola e Covas (dissidente): sem composição

Centrista ainda aposta na convivência

O deputado Expedito Machado negou procedência às notícias de que os moderados do PMDB estejam cogitando de provocar um confronto com a esquerda do partido para assumir o seu domínio. "Nós estaremos dispostos a fazer tudo para garantir a unidade partidária, dentro de uma saudável coexistência de contrários", diz o parlamentar cearense.

Machado, um dos coordenadores do chamado Centro Democrático do PMDB, a facção mais conservadora, lembrou que o Partido Social Democrata alemão tem 16 alas, o social-

democrata japonês 12 correntes, assim como vários outros partidos democráticos do Ocidente, considerando perfeitamente civilizado que correntes ideológicas distintas coexistam dentro do partido em favor de sua força e importância.

O PODER

O que os moderados desejam é trabalhar pela unidade do PMDB em torno de um programa. Expedito Machado considera perfeitamente possível que as duas facções em que se divide o PMDB consigam entrar em um entendimento a

respeito do programa mais conveniente ao partido e ao País na Convenção Nacional do dia 21 de agosto.

Sustentou que não acredita em partido político cuja meta não seja o poder. Pelo contrário, acha que todo partido que mereça esse nome existe em função da conquista do poder e de sua manutenção pelo maior prazo possível. Assim sendo, considera indispensável a união do PMDB em torno de um programa que resulte da ação das duas correntes em que o partido está hoje dividido.

O coordenador da bancada federal do Ceará disse

que todo partido, em qualquer País democrático do mundo, é dividido por correntes. Considera, portanto, bastante natural que esquerda, direita e centro coexistam dentro do PMDB em torno de certos pontos consensuais a respeito dos grandes problemas do País.

Disse que, se na Constituinte, quando temas de delicada complexidade estão sendo tratados mediante negociações entre a esquerda e a direita, por que correntes ideológicas diferentes não poderiam conviver pacificamente dentro do PMDB?

Quércia desafia históricos no voto

— Você pode ser candidato a prefeito ou qualquer outro, mas quem vai ganhar é o João Leivas — foi a resposta cortante do governador de São Paulo, Orestes Quércia, em diálogo áspero com o seu antecessor, André Franco Montoro, quando este dizia que ele, Mário Covas ou José Serra podiam ser candidatos a prefeito da capital pelo novo partido que estão organizando, criando uma dissidência no PMDB.

Quando Montoro fazia um relato a respeito das reuniões que vêm sendo realizadas e das adesões conseguidas para o novo partido, o governador Orestes Quércia foi novamente seco: "Você está organizando esse partido contra mim, Montoro". Na intimidade, Quércia simpatiza com a ideia de que o ex-governador e o senador Fernando Henrique Cardoso abandonem

o PMDB, segundo alguns dos seus amigos.

ALIANÇA COM ULYSSES

Amigos do atual governador de São Paulo confirmavam, ontem, que já foi concluído amplo entendimento entre Quércia e o deputado Ulysses Guimarães para garantir a sobrevivência do PMDB como partido popular e de grande estrutura em São Paulo e nos demais estados da Federação.

— A ideia é reduzir tanto quanto possível o impacto da saída de Covas, Fernando Henrique, Montoro e outros — dizia um deles.

Na conversa que teve à noite de antemão com o presidente do PMDB, em Brasília, Quércia trocou amabilidades com Ulysses e chegou a dizer que Montoro alimentava a pretensão de concorrer com ele, Ulysses, na dis-

puta pela Presidência da República.

Quércia já prometeu a Ulysses que lhe ajudará em seu esforço nacional para promover uma grande discussão nas bases partidárias sobre o novo programa partidário, como já pretende tomar a iniciativa de realizar um grande seminário em São Paulo, convidando personalidades de destaque da vida nacional.

Os aliados de Quércia e Ulysses sustentam que o PMDB não pode se considerar infeliz porque eleger 22 governadores, dos 23, no pleito de 1986. E observam que a crise provocada pela dissidência começou justamente em São Paulo, não por problemas ideológicos, mas por questões "de espaço vital" disputadas por Covas, Montoro e Cardoso com Quércia e o próprio Ulysses Guimarães.

— O PMDB é um parti-

do nacional de grande força com sua principal base fixada em São Paulo, onde se localizam suas mais importantes lideranças. A dissidência é resultado desse congestionamento de líderes numa mesma e poderosa seção — dizia um dos deputados mais ligados ao governador Orestes Quércia.

Ulysses e Quércia acertaram não apenas trabalhar para que se reduza o impacto da saída dos dissidentes, como consideraram possível que Montoro, Covas e Fernando Henrique Cardoso acabem sendo absorvidos pela liderança de Leonel Brizola, sem condições de ocupar espaço independente e autônomo no espectro ideológico do País.

— O PMDB vai ocupar a posição social-democrata e reformista — é o que garantem os amigos de Ulysses e de Quércia.

Moderados vão se reunir com governadores

A esquerda do PMDB faz mais barulho, mas erra quem imaginar que a direita está morta. No próximo dia 17, o governador Orestes Quércia promove um grande simpósio em São Paulo para, sob o pretexto de discutir o papel da bancada na Constituinte, provar que o partido continua forte. Estão sendo aguardadas importantes personalidades internacionais, mas os convidados de honra serão mesmo os governadores de estado. Os políticos dissidentes não receberam convite.

Foi o próprio Quércia quem deu a senha para a ofensiva da ala conservadora do PMDB, ao declarar que o partido não perde nada com a saída dos chamados históricos. Além disso, abandonou a tradicional cautela para abrir guerra pública contra os paulistas que articulam a criação de uma nova legenda, com destaque para os senadores Fernando Henrique Cardoso (principalmente este) e Mário Covas.

A autoconfiança de Quercia tem sua razão de ser. Segundo o deputado Expedito Machado, coordenador do Centro Democrático (a ala moderada do PMDB), os governadores reinam hoje soberanos sobre a máquina partidária. O deputado Roberto Cardoso Alves, do Centrão, confirma esta avaliação, chegando a desafiar os dissi-

dentes a vencer a próxima convenção nacional peemedebista: "Quero ver se eles são capazes de enfrentar o poderio dos 22 governadores", afirmou o parlamentar paulista.

Embora se digam majoritários, os moderados têm interesse na permanência dos históricos no partido, até porque falam em sair do PMDB justamente os políticos de grande potencial eleitoral. Exatamente por isso, tanto Cardoso Alves quanto Expedito Machado estão propondo a composição de uma chapa de entendimento para o diretório nacional da legenda, a ser renovado na convenção de agosto.

A proposta de Cardoso Alves é fazer uma chapa a partir de indicações das bancadas estaduais, que participariam do diretório proporcionalmente ao número de deputados. Expedito não concorda com critérios rígidos: "Primeiro, é preciso ouvir os governadores, que são a grande força política do partido atualmente".

Na opinião do deputado cearense, é preciso aguardar o final da Constituinte antes de iniciar as composições no partido. "Depois da Constituinte, e sobretudo após a votação do mandato do presidente Sarney, muda tudo na política nacional. As alianças serão outras", prevê o parlamentar.

Fernando Henrique se irrita

"Quércia que cuide de moralizar a administração de São Paulo. Do Senado, cuidam os senadores". Assim reagiu o líder do PMDB, senador Fernando Henrique Cardoso, à notícia de que o governador de São Paulo, Orestes Quercia, está exigindo a sua destituição da liderança. Fernando Henrique considerou a reivindicação de Quercia indevida, e acrescentou: "governador tem que administrar".

A destituição de Fernando Henrique do cargo de líder do PMDB no Senado foi praticamente exigida por Quercia durante a reunião de terça-feira na resi-

dência do presidente do partido, Ulysses Guimarães. Hoje, o governador paulista voltou a atacar o líder peemedebista no Senado a quem acusa de utilizar-se do cargo para destruir o partido.

Em tom irônico, sem esconder a irritação pelas recentes manifestações de Quercia, Fernando Henrique acrescentou que, como senador e líder do PMDB, está disposto a ajudá-lo no esclarecimento das denúncias de corrupção na administração do Estado, envolvendo a Caixa Econômica Estadual e o Benespa, no caso conhecido como "esquadrão da raspadinha".

Governador recomenda saída

São Paulo — Ao mesmo tempo em que negou ter pedido a destituição de Fernando Henrique Cardoso da liderança do PMDB no Senado ao deputado Ulysses Guimarães, o governador Orestes Quercia voltou ontem a acusar o senador de "quinta-coluna", defendendo mais uma vez a sua saída imediata do partido.

—Eu realmente não pedi a destituição dele, mas acho que deveria já ter saído do partido. Na verdade, ele fica fazendo o papel de quinta-coluna no Senado. Eu entendo que a pessoa que quer sair, pelo menos tem de ter a honriedade de deixar o cargo de importância que ocupa dentro do partido. O que ocorre é que ele usa esse cargo para

trabalhar contra o partido — afirmou Quercia.

Quercia voltou a manifestar a sua certeza de que a saída de um grupo de dissidentes em nada afetará o futuro do partido. O certo é que a movimentação dos chamados históricos não preocupa o governador paulista, da mesma forma, que a articulação da esquerda para conquistar o comando partidário.

Sobre um possível encontro de governadores em São Paulo entre os dias 16 e 17 de junho, Quercia esclareceu se tratar de uma iniciativa do diretório regional do PMDB.

—Será uma contribuição de São Paulo para a Convenção Nacional de 21 de agosto.

PMDB cobra pressa para assembléias

O deputado Maurício Fruct, do PMDB paranaense, já está preocupado com o desenvolvimento dos trabalhos das constituintes estaduais, que deverá suceder imediatamente após a promulgação da nova Constituição federal. As disposições transitórias já começam a ser votadas e o artigo 6º do projeto da Comissão de Sistematização prevê que a elaboração das constituições estaduais se dê num prazo de seis meses, a partir da promulgação da nova Carta brasileira.

Ele explica que, para que o prazo possa ser cumprido, as assembléias legislativas de todas as unidades da Federação já deveriam estar tomando uma série de providências preliminares, de modo a evitar que os trabalhos preparatórios acabem tomando parte substancial do tempo disponível para a elaboração constitucional. A Assembléia Legislativa do Paraná, exemplifica, já criou uma comissão constitucional, a exemplo do que foi feito a nível federal no período que precedeu o funcionamento da Constituinte. Esta comissão, formada de figuras expressivas da sociedade paranaense e, principalmente, estudiosos da questão constitucional,

já se debruça sobre o problema no sentido de que possa oferecer subsídios à Assembléia Legislativa, a partir do momento em que esta estiver reunida como poder Constituinte Estadual.

FEDERAÇÃO

Fruct chama a atenção para a importância das constituições estaduais, que não devem ser vistas "como mero acessório, complementação formal à Constituição federal". Ele reconhece que a tradição federativa brasileira é fortemente delimitada e condicionante das constituições dos estados-membros, ao contrário do que ocorre em outros países como os Estados Unidos e a Alemanha Federal. A forma dos governos estaduais nestes países, exemplifica, não é condicionada pela Constituição federal, razão pela qual há estações norte-americanas em que funcionam duas câmaras de representantes e até senados estaduais, enquanto na Alemanha, onde o sistema de governo é parlamentarista, estados são dirigidos por presidentes estaduais, outros por ministros-presidentes, aumentando ou diminuindo, em cada caso, a centralização política regional.